



“ELAS NÃO TÊM MEDO:” TRANSFORMISMO E RESISTÊNCIA NO ESTADO DE EXCEÇÃO

Francis Deon Kich¹
Francisco Diemerson de Sousa Pereira²

Este texto faz parte de uma pesquisa que tem por objetivo entender como se forja uma “identidade transexual” no município de Aracaju tomando como referência percepções individuais assim como a produção de discurso sobre tal experiência. Por hora apresentaremos fragmentos de uma narrativa que traz à luz o contexto sexista e patriarcal de extrema hostilidade para com práticas consideradas subversivas na década de 1960. Tomando a idéia de movimento como referência para construir as discussões, a história permite refletir sobre os significados sobre travestilidade³, a relação com o gênero⁴ e a sexualidade, homofobia e estado patriarcal. Considerando o período da ditadura militar no município de Aracaju, buscamos também perceber como a homofobia se apresentava neste cenário de tensões entre homossexuais que faziam os desfiles de miss gay e filhos da pequena burguesia (de militares) que os perseguiram.

Para alcançarmos estes objetivos utilizaremos o método biográfico e história de vida. (MEIHY e HOLANDA, 2007 & NARITA, 2006) As histórias de vida serão construídas a partir de duas entrevistas, onde a primeira será baseada no discurso livre, e a segunda será destinada ao seu aprofundamento. Participarão da pesquisa três pessoas auto-identificadas como transexuais e uma como homossexual, todos nascidos no estado de Sergipe. Os dados serão trabalhados a partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977)

As identidades

Trabalharemos aqui com uma noção que toma a identidade como construção cultural, lingüística e historicamente localizada, que se constitui como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 1995). Para entender a identidade através da linguagem, Tomaz Tadeu da Silva nos traz as contribuições de Saussure, segundo o qual a linguagem se produz através de um sistema de diferenciações pela produção de

¹ Mestrando do Programa de Psicologia Social-UFS.

² Mestrando do Programa de Educação UNIT e bolsista FAPITEC-SE.

³ Práticas de travestilidade expressam o transito entre gêneros realizadas por travestis, transexuais, transformistas.

⁴ Entendemos o conceito de gênero como uma prática histórica, cultural e linguística. Em seu sentido clássico, utilizamos como “caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.” (SCOTT, 1995).



signos. O signo “carrega não apenas o traço daquilo que ele substitui, mas também o traço daquilo que ele não é, precisamente da diferença. “A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença).” (SILVA, 2009, p. 78-79) O signo opera segundo a idéia de *metafísica da presença*, ou seja, qualidade que o ele possui de representar algo sem a presença daquilo que se refere. Sendo assim, ele só terá sentido dentro de uma infinita cadeia de significados que se relacionam entre si e que tem por consequência a produção discursos e verdades sobre a identidade. (op citi. 2009)

Foucault, nos ensina que cada sociedade possui sua política geral de verdades que tem por função conservar, produzir e fazer circular discursos em espaços fechados segundo regras estritas. O perigo da produção discursiva está na produção de normalidades ou normatizações, que podem ser tomadas como verdades absolutas a partir de discursos legitimados como tal pela produção disciplinar. “A disciplina é um principio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. (FOUCAULT, 1996, p. 36)

Para Butler, segundo García, a performatividade esta baseada na teoria da interpelação ideológica em Althusser, que corresponde a um mecanismo de produção dos sujeitos mediante o ato de chamamento para que se situe em um lugar social, que se reconheça e que se reproduzam relações de produção. Chamamento que gera a ilusão de que o sujeito já existia anteriormente ao ato de interpelação, convertendo-se naquilo que ele é na medida em que reconhece aquilo que sempre foi. Porém, tal reconhecimento ocorre no momento concomitante ao reconhecimento de algo, e não antes que seja enunciado. É a enunciação que irá construir o sujeito através deste mecanismo de reconhecimento e localização do sujeito dentro de determinado limite e não de outro. (García, 2005) Butler pensa o corpo como situação. O mesmo possui um dúplice significado, pois ao mesmo tempo que é considerado lugar de interpretação cultural, já foi interpretado no decorrer da história. A idéia de situação contesta ou contradiz uma natureza sexual. “O corpo torna-se um nexos peculiar de cultura e escolha, e “existir” o próprio corpo torna-se um modo pessoal de examinar e interpretar normas de gênero recebidas.” (BUTLER, 1987, p. 143)

As práticas de travestilidade, ou mesmo de transexualidade fundem as relações binárias, não apenas pelo transito de um gênero a outro pela transformação dos corpos, mas pela possibilidade de transgressão á ordem heterossexual.



Os olhares acostumados ao mundo dividido em vaginas-mulheres-feminino e pênis-homem-masculino, ficam confusos, perdem-se diante de corpos que cruzam os limites fixos do masculino/feminino e ousam reivindicar uma identidade de gênero em oposição àquela informada pela genitália e ao fazê-lo podem ser capturados pelas normas de gênero mediante a medicalização e a patologização da experiência. (BENTO, 2008, p35)

A alternativa para superação de um pensamento dicotômico está em construir uma tensão entre estes dois campos enquanto mutuamente constitutivos. Assim, a transexualidade é um fenômeno psicossocial porque não passa apenas por questões socioculturais, mas também por processos íntimos de experiência e vivência dos sujeitos. Podemos falar, no entanto, que a experiência é íntima, mas os códigos que disparam os afetos são partilhados. Mas, se a transexualidade é construída e não representa uma essência ou substância contida no interior, como compreender o desejo? Se pensarmos que a transexualidade, e de igual forma a homossexualidade, possa ser considerada uma prática sociocultural, e que estas práticas se constituem enquanto modos de sentir, pensar e agir, podemos dizer que o desejo é algo construído? Peter Fry e Edward MacRae nos trazem que

Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. (...) Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos tem o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade. (FRY, MACRAE, 1991, 10-32)

Estas relações entre grupos sociais (heterossexualidade e homossexualidades) se produzem de forma a causar desigualdade. Norbert Elias e John L. Scotson nos apresentam os mecanismos de diferenciação entre grupos humanos. Haverá entre estes grupos um padrão mutável de interdependência, que permite classificá-los em aliados ou adversários, melhores ou piores, mais ou menos humanos. O que expressa uma dicotomia onde o “nós” se produz pela desqualificação do outro. É o que os autores chamarão de grupos estabelecidos (nós) e outsiders (eles). Ambos estarão ligados no tempo e no espaço. Dentro do primeiro grupo está presente uma prática de exclusão do outro, que utiliza-se do estigma como mecanismo de manutenção da hierarquia social. O estigma penetra na auto-imagem do outsider enfraquecendo-o e desarmando-o. Por meio de uma fantasia grupal ele reflete e justifica a aversão e o preconceito contra os outsiders, ressaltando as características ruins de sua porção pior. A participação na superioridade se apresenta como recompensa de submissão as regras colocadas pelo grupo de estabelecidos. Sendo o seu desvio, ou suspeita de desvio, assumido como perda de poder e rebaixamento do status social. (ELIAS & SCOTSON, 2000)



A idéia de separação, conforme Mary Douglas citada por Butler, tem a função de sistematização da desordem pela exageração da diferença e construção de polaridades como dentro-fora, em cima / em baixo, masculino-feminino. Esta disposição produz a idéia de ordenamento e purificação pela punição das transgressões. Segundo ela os motivos que conferem às fronteiras corporais a qualidade de perigo se dão em função de que os sistemas sociais são vulneráveis em suas margens, e são conseqüentemente considerados perigosos. (BUTLER, 2003, p. 190).

A História de Chiquinho

Uma primeira noção de movimento se expressa pela movimentação geográfica que inicia quando Chiquinho chega do interior do estado de Sergipe com a família para morar em Aracaju por volta de 1960. Em Aracaju ele permanece até uma idade de 15 anos, depois vai para Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, e retorna na idade adulta. Vejamos as condições que possibilitaram tais movimentos, bem como seu efeitos nesta história.

Por curioso que pareça, a década de 1960 foi uma época em que haviam concursos de escolha de miss gay em Aracaju. As mesmas aconteciam em casas noturnas, o que impedia Chiquinho de prestigiar, uma vez que ele era menor de idade. Não havendo possibilidade de participação nestes espaços formais, a alternativa era buscar os informais, geralmente lugares escondidos, como as calçadas da “Rua da Frente⁵”, ou mesmo em uma serraria perto do mercado público municipal, em cima das toras de madeira que se transformavam em passarelas para o desfile. Chiquinho fala das estratégias que utilizavam para colocar em prática estas atividades.

(...) Aí nós procuramos fazer os ensaios sempre um pouco distante. Atravessamos a ilha e íamos fazer do outro lado do oceano, para poder ter uma paz. Iam vários bofes, os rapazes, acompanhavam, eles serviam de jurados. Lá já ficavam e já namoravam e assim ficavam. Nessa época que comecei a freqüentar eu era o mais novo e o menor. (...) E apareciam os rapazes na noite e sempre me procuravam porque eu era menor e mais novo. Então as outras mais velhas queriam me bater, queriam me afastar do grupo, aí tinham umas duas que me protegiam. Porque eu era desse tamanho.

Os recursos disponíveis na época para as pessoas expressarem a travestilidade eram ultrapassados de modo peculiar. Vejamos um exemplo quando Chiquinho fala de um dos componentes da fotografia dizendo que o mesmo

⁵ Avenida 13 de Julho.



(...) ganhou o Miss Brasil e o Miss Universo. Então, ele era uma pessoa que tinha o corpo bem feminino, e não existiam os hormônios como tem hoje, nem cirurgia plástica. Você vê que nas fotos antigas do baile dos enxutos todos transformistas tem o nariz imenso, aquele nariz de homem assim, entendeu. (...) Era tão difícil de se fazer um transformismo, que o cabelo que eles usavam era de sisal. Eles compravam sisal de fazer espanador, corda, tingiam e faziam aqueles penteados num casquete de um chapéu de palha. Faziam penteados belíssimos, e tingiam com tintol, tinta guarani, essas coisas. (...)

Os artifícios eram distintos, mas os atos parecem ser muito similares com os que acontecem atualmente. A travestilidade, “apenas”, carregava as peculiaridades dos recursos disponíveis na época, podendo ser considerada como uma prática, um ato, uma ação de produção performativa de gênero, reatualizando algo que se expressava no cenário social da época, ou seja, os concursos de Miss Brasil e Miss Universo.

Assim, em que sentido o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Esta repetição é a só um tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (BUTLER, 2003, 200)

É o que dá o caráter de nova experiência àquela ação que, embora tenha sido (re) produzida a partir dos mesmos “moldes”, conterà a intervenção do sujeito que a modifica, em certa medida uma modelagem que, embora marcado por significados partilhados socialmente. Tais significados compunham o cenário que Chiquinho identificou a possibilidade de socialização. Porém, o contexto vai se movimentando e chega o momento em que tais práticas começam a ser coibidas. Embora houvessem hostilidades quanto às práticas de uma cultura gay, até então a situação poderia ser mantida de algum modo, o que não evitou que um necessário deslocamento geográfico marcasse uma primeira forma de compulsão.

(...) Então como nós fazíamos os desfiles e os ensaios lá pro lado do mercado, até em serralheria nós fazíamos, em cima das toras de madeira, pra fazer uma coisa escondida, quando eles descobriam eles iam. (...) De repente a gente escutava aquela gritaria e tiros, então a gente tinha que sair correndo pelo meio do mangue. É a partir daqui, que eles também espancavam e queriam jogar dentro do mangue. (...) Aí tinha um amigo meu que conhecia um deles e eles andavam com um negro que tinha um membro enorme sempre pra fazer esse negro, (...) pra fazer pra eles assistir. Entendeu? E esse rapaz eu encontrei depois em Salvador, se tornou meu amigo, nunca transei com ele. Mas normalmente eles forçavam os gays transar com esse rapaz. Tudo nessa época, sessenta e poucos né. (...) Pegavam os gays, faziam ter relações com o outro (...) graças a Deus nunca me pegaram. (...) E eles ficavam assistindo, e enfiavam lascas de pau no ânus, batiam (...) tu sabe que na revolução os gays eram uma coisa assim que tinha que sumir do mapa né. (...) Aqui também teve um secretário de segurança que mandou prender todo mundo que tivesse na rua da frente. No outro dia publicou no jornal “perversos sexuais fazem aberrações”, mais ou menos assim. (...) E nós dormimos na prisão.

Tais incursões davam-se na esfera informal pelos “filhinhos de papai”, que segundo Chiquinho, eram filhos de militares, lugar social que os dava uma licença moral para perseguir



grupos de homossexuais. Porém, estas perseguições ainda eram contornadas com deslocamento territorial, mas não evitou que, em um segundo momento, a coerção fosse institucionalizada. É já no regime de exceção que a coação passa a ser realizada não pelos filhinhos, mas pelos “papais” da ditadura, os militares. Ele detalha suas impressões no momento em que foi preso ainda aqui em Aracaju.

O Coronel olhou pra gente, pra gente não, pra mim, falou “que é que você tava fazendo lá?”, - eu disse – não, tava com os amigos.” Mas não pode ... ele tinha que fazer essa pergunta antes de me mandar me prender! Né, ou então manda chamar os pais, encaminha , porque já existia a coisa de menor, juizado de menor. Nós tínhamos muito medo porque tinha uma prisão tipo fazenda, eu esqueci o nome, aqui saindo da cidade, só que era de menor (...) os pais amedrontavam a gente. Falavam “olha, você vai pra cidade de menor”, que lá tinha trabalho (...) Imagina, se nós já tínhamos tanto medo assim, imagina pegar uma prisão. Fomos presos no domingo e saímos no outro dia. Horrível, aquilo foi muito deprimente, porque não tinha como você se esconder. Você não tinha onde enfiar a sua cara, porque Aracaju era desse tamanho. (...) Aí que eu fui ficando com medo, com vergonha e tudo, e fui embora daqui porque eu senti que ia explodir alguma coisa maior. Poderia explodir uma coisa maior em relação a minha pessoa, e eu ia dar esse desgosto muito grande para a minha família.

O que parece estar presente não se trata de uma opção para viver um ambiente distinto, ou mesmo uma vida melhor, mas sim uma migração compulsória, como que se tais sujeitos pareciam convidados a se retirar do seu habitat, levando consigo qualquer possibilidade de mazela que poderia desenvolver-se no caso de sua permanência. Chiquinho relata outra experiência vivenciada em São Paulo.

Ah, não, eu também fui preso. Era caminhão que encostava. Por exemplo, o Trilong (...). Era uma boate muito cara, e eu tinha muitos sonhos de ir lá. (...) Aí uns 15 dias antes a policia tinha baixado e tinha levado todo mundo preso. Aí esqueceram e começaram tudo de novo no outro dia né. Sabe que elas não tem medo né! (...) Aí uma certa vez que nós voltamos a polícia baixou com os caminhões (...) Um cercava uma entrada da galeria, o outro na outra entrada. Aí nós não tínhamos como sair. Então levava todo mundo. (...) quando ia chegar um chefe de estado no RJ eles faziam uma limpeza na cidade.

O mesmo se vê obrigado a buscar uma forma de sobrevivência, e termina indo para o campo da costura. Sem muito domínio do ofício, iniciando uma jornada de busca de aprendizado que o faz ascender profissionalmente. Inicialmente, aprende a costurar vestidos de noivas e madrinhas. Posteriormente passa a fazer sucesso nas escolas de samba, o lançando para o atual ofício de costureiro de estandartes de escolas de samba até hoje. Tal ascensão fez com que Chiquinho tivesse um reconhecimento profissional com alcance internacional, mudando seu status social na comunidade aracajuana.

O sentido atribuído ao território em que Chiquinho pisa é um bom exemplo da transitoriedade do lugar de outsider para estabelecido. Os terrenos podem ser considerados os



mesmos, mesma cidade, mesmo estado, mas com um significado e um valor movente. Na década de 1960 as “passarelas” eram campo minado na Rua da Frente, em cima de toras de madeira de serraria, ou mesmo território escondido do outro lado da ilha para ficar à vontade. É terreno escuso, que deveria ser escondido, que produziria vergonha e desprezo ao escorrer para a dimensão pública. Atualmente, Chiquinho realiza as “mesmas” atividades, porém com um significado distinto pois, e como ele mesmo disse, trata-se do metro quadrado mais caro da cidade de Aracaju. Ele é responsável pelo concurso que escolhe a Miss Gay no estado de Sergipe.

O significado tanto da prática quanto do sujeito sofre um processo de mudança que vai para o outro pólo da relação. De outsider o sujeito torna-se estabelecido. Da mesma forma o “negro” que tinha o membro enorme, castigo de alguns, passa a ser amigo de Chiquinho em um outro momento de sua vida, e por que não dizer aliado como nos ensina Elias. O que se apresenta é um trânsito de papéis, na medida em que em um determinado contexto o negro é “utilizado” como instrumento de diversão dos filhos dos papais da ditadura.

Atualmente, Chiquinho possui residência em São Paulo e na antiga casa dos pais, no município de Aracaju. Em sua história poderemos constatar um movimento geográfico que é acompanhado de uma permanente movimentação dos significados sobre as práticas trans, tanto dentro de um recorte individual, como de modo coletivo.

Esta história nos permite pensar que os sentidos do termo “trans” estão para além de expressar as práticas de trânsito de gênero, mas falam também de transformações simbólicas de territórios geográficos, corporais e subjetivos que deslizam mutuamente e produzem distintos modos de existir.

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 1977.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense. 2008.

BUTLER, Judith. Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: **Feminismo como crítica da Modernidade** CORNELL, Drucila, org. Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Zahar 2000.



FRY, Peter; MacRae, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense. 1991.

GARCÍA, David Córdoba. Teoria Queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: CORDOBA, David, SÁEZ, Javier y VIDRATE, Paco. **Teoria Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas**. Egaes Ed. Madrid, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer/como pensar**. Contexto. São Paulo, 2007.

NARITA, Stella. Notas de pesquisa de campo em psicologia social. *Psicol. Soc.* [online]. 2006, vol.18, n.2, pp. 25-31. ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822006000200004.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In; SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes; 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, nº 2, p.71-99, julho/dezembro 1995.